

O CONSUMO DE ALIMENTOS NOS PAÍSES DO MERCOSUL E NO CHILE

João Caetano Fioravanço¹

1 - INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o consumo de alimentos experimentou profundas modificações, como consequência de uma complexa combinação de fatores sociais, culturais e econômicos.

A teoria econômica sugere que os principais determinantes das alterações no consumo de produtos alimentícios sejam as variações na renda real do consumidor e nos preços que o alimento apresenta em relação a seus complementares ou substitutos. De um modo geral, o incremento da renda, associado à transformação estrutural da economia, originam uma situação mais satisfatória em relação ao estado nutricional das pessoas. Na maior parte dos países desenvolvidos, no entanto, preços e renda são variáveis que vêm perdendo importância como elementos explicativos (HERRMANN e RÖDER, 1995). Entre as variáveis que ganharam importância como explicação para as mudanças na demanda de alimentos destacam-se os fatores sócio-culturais² (REIG, 1992b; LÓPEZ, 1995), as preferências e atitudes dos consumidores (CONNOR, 1994), a conscientização das pessoas sobre a importância de uma dieta nutricionalmente equilibrada e saudável (HUANG, 1996; SÁNCHEZ; ETXANIZ; TEKELIOGLU, 1997; GARCÍA, 2001), o maior cuidado na conservação do meio ambiente (GONZÁLEZ, 1995; SCHOLZ, 1996) e a influência dos meios de comunicação (ENTRENA, 1997).

Além disso, outros aspectos importantes decorrentes da internacionalização da economia mundial, como o incremento dos intercâmbios comerciais entre países e blocos regionais, os avanços obtidos na tecnologia de produção e conservação dos alimentos e a internacionaliza-

ção das grandes empresas do setor alimentício contribuíram decisivamente para a consecução dessas alterações.

Muitos trabalhos recentes têm argumentado que apesar das importantes diferenças que ainda persistem entre o comportamento e as pautas de consumo de cada país, verifica-se uma clara tendência à redução das desigualdades³. Em outras palavras, o peso dos grandes grupos de alimentos no consumo dos países apresenta cada vez maiores similitudes.

Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que se verifica essa aproximação na composição das dietas entre países, também se constata como a dieta média de cada país vai se afastando de seu modelo tradicional devido à implantação de hábitos de consumo distintos, incorporação de novos alimentos (espécies e variedades de frutas, hortaliças, legumes, raízes e tubérculos) e surgimento de formas inovadoras de apresentação e uso. Nesse sentido, TITOS (1992) afirma que com o passar do tempo, o consumo de alimentos tende a configurar-se mais pelos níveis de renda e de desenvolvimento do que pela especialização produtiva dos países e regiões.

Aparentemente, as modificações nas dietas e hábitos de consumo processam-se de forma muito mais dinâmica e intensa nos países de maior poder aquisitivo. Entretanto, não resta dúvida que elas também ocorrem nos países menos desenvolvidos, onde as pessoas, mesmo as de baixo nível de renda, procuram incrementar a variedade e a qualidade de suas dietas. Mas nesse caso, de um modo geral, a incorporação de novos alimentos e formas inovadoras de consumo ocorre de forma mais lenta, porque o consumo familiar é afetado muito mais pelo preço e pela renda que por outros fatores. Como consequência, verifica-se um consumo mais elevado dos produtos nacionais, com menor grau de processamento, mais ricos em calorias e com preços relativamente baixos.

¹Engenheiro Agrônomo, Doutor, da Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária do Estado do Rio Grande do Sul (FEPAGRO) (joao-fioravanco@fepagro.rs.gov.br).

²Entre os denominados fatores sócio-culturais podem-se citar a incorporação da mulher ao mundo laboral, o crescimento do número de pessoas que vivem nas cidades, a diminuição do tamanho das famílias, o envelhecimento da população, o incremento das distâncias entre o local de trabalho e as residências, o crescimento do número de pessoas que realizam as refeições fora de casa, a menor disponibilidade de tempo, a crescente facilidade de conservação e preparo dos alimentos, etc.

³A esse respeito recomendam-se os trabalhos de CONNOR (1994), GRACIA; ALBISU (1994; 1995), GIL; GRACIA; PÉREZ Y PÉREZ (1995), HERRMANN; RÖDER (1995), ANGULO; GIL; GRACIA (1996; 1997) e RAE (1997), entre outros.

Os objetivos do trabalho são: 1) verificar a evolução do consumo de calorias nos países que compõem o MERCOSUL e também no Chile nas últimas três décadas; 2) comparar o modelo de dieta predominante em cada país, com a finalidade de destacar quais são os produtos alimentícios que apresentam maior participação na composição das dietas; e 3) verificar se as pautas de consumo seguem a tendência de aproximação verificada em outras regiões do mundo. O Brasil, evidentemente, é objeto de uma análise mais detalhada.

2 - METODOLOGIA

O trabalho foi realizado com base no consumo médio diário de alimentos, expresso em kcal/pessoa/dia. Os dados primários foram extraídos das Folhas de Balanço de Alimentos, disponibilizadas pela FAO em seu banco de dados na internet. Essas folhas refletem as quantidades de alimentos que chegam ao consumidor, mas não consideram as quantidades perdidas durante o armazenamento, preparo, cocção e que não são ingeridas (sobras). Logo, a quantidade realmente consumida pode ser inferior à quantidade indicada.

Os 488 produtos constantes nas Folhas de Balanço de Alimentos foram agrupados em 12 grupos mais amplos, 8 dos quais referem-se a produtos de origem vegetal (1 = cereais, 2 = raízes e tubérculos, 3 = legumes secos, 4 = frutas, 5 = hortaliças, 6 = açúcar, adoçante e mel, 7 = azeites e 8 = outros produtos), e os 4 restantes a produtos de origem animal (9 = carnes, 10 = peixes, 11 = leite e 12 = outros produtos).

Em outros produtos vegetais incluiu-se as nozes, os grãos oleaginosos, os estimulantes, as especiarias e as bebidas alcoólicas; carnes abrange também os despojos e a gordura animal; e em outros produtos animais incluiu-se ovos e miscelânea de produtos.

Os valores constantes nas tabelas e figuras correspondem às médias aritméticas dos períodos trienais considerados. Isso serve para evitar que dados de anos excepcionais distorçam os resultados.

As análises do tipo *cluster*, na forma hierárquica aglomerativa, foram efetuadas pelo método das distâncias mínimas, utilizando-se como base as porcentagens médias de calorias con-

sumidas em 1969-71 e 1997-99 nas doze categorias de produtos.

3 - EVOLUÇÃO DO CONSUMO DE CALORIAS NOS PAÍSES DO MERCOSUL E NO CHILE

A tabela 1 apresenta a evolução do consumo total de calorias dos países do MERCOSUL e do Chile nas últimas três décadas. O consumo médio que em 1969-71 era de 2.778 kcal/pessoa/dia passou para 2.881kcal/pessoa/dia em 1997-99, o que significa um crescimento anual de apenas 0,13%. Esse consumo médio, de 2.881kcal/pessoa/dia, é inferior ao dos países desenvolvidos, que em conjunto, na média dos anos 1990-92, segundo a FAO (1996), alcançava 3.350kcal/pessoa/dia, mas é superior ao consumo médio dos países em desenvolvimento, que era da ordem de 2.520kcal/pessoa/dia. Ou seja, indica que ainda há margem para crescimento do consumo de calorias.

A análise individual dos países relacionados na tabela 1 mostra que Brasil e Chile foram os únicos que apresentaram uma evolução positiva no consumo de calorias no período estudado, respectivamente 0,80 e 0,26% ao ano. Argentina e Uruguai apresentaram diminuições no consumo de calorias, respectivamente -0,12 e -0,14% ao ano, enquanto o Paraguai manteve um consumo estável, próximo a 2.570kcal/pessoa/dia.

Apesar da diminuição no consumo total de calorias, a Argentina mantém-se ainda como o país que apresenta o consumo mais elevado entre os demais. O Uruguai, por sua vez, descendeu do segundo para o quarto lugar, o Chile manteve a sua posição intermediária e o Paraguai caiu para o último lugar entre os cinco países analisados.

O Brasil, com o incremento apresentado, passou da última para a segunda posição entre os cinco países, no que se refere à quantidade de calorias consumidas. Em 1969-71 o País encontrava-se em uma situação em que a ingestão de calorias era aproximadamente 15% inferior à média dos outros quatro países, e 26% inferior à quantidade consumida na Argentina; em 1997-99 a quantidade de calorias consumidas no Brasil passou a ser 4% superior à média dos quatro países, e apenas 6% inferior à quantidade consumida na Argentina.

Pelos dados da figura 1 comprova-se,

TABELA 1 - Evolução do Consumo de Calorias nos Países do MERCOSUL e no Chile, 1969-71 a 1997-99

(em kcal/pessoa/dia)					
País	1969-71	1979-81	1989-91	1997-99	Variação anual (%)
Argentina	3.271	3.206	2.962	3.164	-0,12
Brasil	2.428	2.677	2.783	2.969	0,80
Paraguai	2.573	2.545	2.452	2.572	0,00
Uruguai	2.962	2.866	2.576	2.844	-0,14
Chile	2.658	2.665	2.541	2.855	0,26
Média	2.778	2.792	2.663	2.881	0,13

Fonte: Elaborada a partir da FAO (2002).

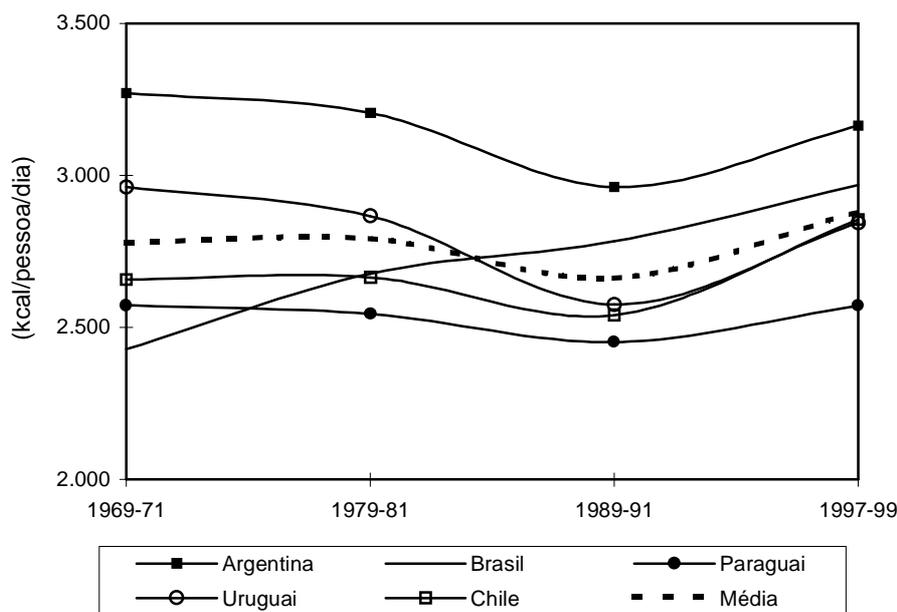


Figura 1 - Evolução do Consumo de Calorias nos Países do MERCOSUL e no Chile, 1969-71 a 1997-99. Fonte: Elaborada a partir da FAO (2002).

também, que o Brasil foi o único país que apresentou uma evolução constante no consumo de calorias. Os demais países demonstraram comportamentos bastante parecidos: Argentina, Paraguai e Uruguai evidenciaram diminuições no consumo de calorias nas décadas de 70 e 80, e incrementos na década de 90, enquanto o Chile apresentou um comportamento alternante, ou seja, incrementou o consumo de calorias na década de 70, diminuiu na década de 80 e voltou a aumentar na década de 90.

Os produtos de origem animal, que aportam aproximadamente a quarta parte das calorias consumidas, elevaram sua importância na dieta média dos cinco países estudados, principalmente na década de 90 (Tabela 2). Em 1969-71 esses produtos representavam 24,36% do total de calorias ingeridas, porcentagem que praticamente não se altera até o final da década de

80, e que se eleva a 26,66% em 1997-99. O incremento anual médio no período alcançou 0,48%, ou seja, foi quase quatro vezes maior que o crescimento do consumo total de calorias. Isso significa um ganho importante em relação aos produtos de origem vegetal, e denota uma melhoria da dieta dos cinco países.

Individualmente, comprova-se que os países que apresentavam os menores consumos em 1969-71 foram os que apresentaram os maiores incrementos no mesmo período, com destaque para o Brasil mais uma vez, que apresentou um crescimento anual de 3,38%. Apesar disso, o Brasil mantém-se como o país onde os produtos de origem animal apresentam a menor participação na composição da dieta alimentícia, no que se refere à quantidade de calorias ingeridas. Paraguai e Chile, países que também elevaram o consumo de calorias provenientes de produtos de origem ani-

TABELA 2 - Evolução do Consumo de Produtos de Origem Animal nos Países do MERCOSUL e no Chile, 1969-71 a 1997-99
(em kcal/pessoa/dia e em % do consumo total)

País	1969-71		1979-81		1989-91		1997-99		Variação anual (%)
	kcal/pessoa/dia	% do total							
Argentina	985	30,11	1.060	33,06	903	30,49	979	30,94	-0,02
Brasil	315	12,97	389	14,53	467	16,78	613	20,65	3,38
Paraguai	448	17,41	495	19,45	500	20,39	604	23,48	1,24
Uruguai	1.177	39,74	1.032	36,01	894	34,70	1.024	36,01	-0,46
Chile	458	17,23	431	16,17	479	18,85	620	21,72	1,26
Média	677	24,36	681	24,41	649	24,36	768	26,66	0,48

Fonte: Elaborada a partir da FAO (2002).

mal, mostraram incrementos mais modestos, da ordem de 1,24 e 1,26% ao ano. Por outro lado, Uruguai e Argentina, países que sempre destacaram-se por um consumo elevado de alimentos de origem animal, apresentaram quedas no consumo desses produtos. Essa diminuição foi muito mais expressiva no caso uruguaio (-0,46% ao ano) do que no caso argentino (-0,02%).

Os dados da tabela 2 também põem em evidência as expressivas diferenças que ainda persistem no consumo de alimentos de origem animal entre os países do MERCOSUL e o Chile. Os níveis mais elevados verificam-se na Argentina e no Uruguai que, apesar da diminuição expressada ao longo do período analisado, retiraram dos produtos de origem animal 30,94 e 36,01% do total de calorias consumidas em 1997-99. Esses valores são, inclusive, superiores aos observados para os países desenvolvidos, que em 1990-92 corresponderam a 29,1% (FAO, 1996). Os mais baixos níveis, por outro lado, são constatados nas dietas do Brasil e Chile, onde os produtos de origem animal aportaram, no mesmo triênio, respectivamente 20,65 e 21,72% do total de calorias ingeridas. Em uma posição intermediária situou-se Paraguai, onde os produtos de origem animal contribuíram com 23,48% do total de calorias consumidas.

4 - DIFERENÇAS NO CONSUMO DE ALIMENTOS NOS PAÍSES DO MERCOSUL E NO CHILE

O estudo da proporção de calorias ingeridas nos países do MERCOSUL e no Chile em 1969-71 e 1997-99, segundo os diferentes produtos em relação ao consumo total, permite observar os hábitos alimentares de cada país e

comparar as diferenças e semelhanças nos padrões de consumo de alimentos.

Comprova-se, pelos dados das tabelas 3 e 4, em primeiro lugar o enorme peso específico que os produtos vegetais ainda detêm na dieta de alguns países, especificamente no caso de Brasil, Paraguai e Chile. Nesses países, em 1997-99, os produtos de origem vegetal aportaram 79,35%, 76,52% e 78,29% do consumo diário de calorias, respectivamente. Essas porcentagens são inferiores às observadas pela FAO (1996) para os países em desenvolvimento, que em 1990-92 apresentavam 89,2% da energia consumida proveniente dos produtos vegetais, mas são superiores às dos países desenvolvidos, que correspondia a 70,9%.

Descendendo o nível de análise, percebe-se que determinados produtos apresentam uma importância maior na dieta de alguns países. Especificamente, cabe destacar a importância que os cereais apresentam nas dietas dos cinco países considerados, pela elevada porcentagem de calorias que aportam. Também pode-se salientar a importância das raízes e tubérculos na dieta paraguaia, dos legumes secos, açúcares e mel na dieta brasileira, das hortaliças e do peixe na dieta chilena e da carne e do leite nas dietas argentina e uruguaia.

A predominância dos produtos de origem vegetal no fornecimento de energia (calorias) consumida pelo homem, com destaque para os cereais e as raízes e tubérculos, é uma característica presente nas dietas de praticamente todos os países do mundo, não se constituindo em uma prerrogativa da dieta dos países do Cone Sul.

Em segundo lugar, comprova-se que a grande maioria dos países, especificamente, Brasil, Paraguai, Uruguai e Chile diversificaram suas dietas ao longo das três décadas estudadas, ao

TABELA 3 - Participação dos Diferentes Produtos Alimentícios¹ sobre o Consumo Total de Calorias nos Países do MERCOSUL e no Chile em 1969-71 (em %)

País	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Argentina	29,35	5,96	0,46	3,03	1,74	12,50	9,78	7,06	22,16	0,24	6,97	0,73
Brasil	34,97	11,49	8,77	4,94	0,70	16,60	5,31	4,24	7,50	0,54	4,45	0,49
Paraguai	31,71	19,55	4,16	8,67	1,40	7,70	5,79	3,61	13,99	0,04	2,64	0,74
Uruguai	31,87	4,22	0,51	2,33	0,84	12,29	4,15	4,05	28,90	0,17	10,06	0,61
Chile	46,91	3,39	2,29	2,41	2,86	14,00	6,09	4,82	10,84	0,64	5,00	0,75
Média	34,96	8,92	3,24	4,27	1,51	12,62	6,23	4,76	16,68	0,33	5,83	0,67
σ	6,97	6,73	3,45	2,67	0,86	3,24	2,12	1,36	8,73	0,25	2,83	0,11
CV	19,94	75,45	106,48	62,53	56,95	25,67	34,03	28,57	52,34	75,76	48,54	16,42

¹1 = Cereais; 2 = Raízes e tubérculos; 3 = Legumes secos; 4 = Frutas; 5 = Hortaliças; 6 = Açúcares e mel; 7 = Azeites; 8 = Outros produtos de origem vegetal; 9 = Carne; 10 = Pescado; 11 = Leite; 12 = Outros produtos de origem animal. Fonte: Elaborada a partir da FAO (2002).

TABELA 4 - Participação dos Diferentes Produtos Alimentícios¹ sobre o Consumo Total de Calorias nos Países do MERCOSUL e no Chile em 1997-99 (em %)

País	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Argentina	29,77	5,09	0,35	2,81	1,74	14,03	10,90	4,36	20,04	0,54	9,70	0,66
Brasil	30,52	4,31	4,95	3,87	0,94	19,03	11,01	4,72	12,73	0,37	6,70	0,84
Paraguai	29,20	13,88	3,23	3,03	1,21	9,37	9,68	6,92	15,86	0,43	6,07	1,13
Uruguai	31,36	3,48	0,95	3,31	1,34	12,87	5,03	5,66	24,26	0,63	10,06	1,05
Chile	38,95	3,64	1,19	2,98	2,59	16,15	9,88	2,91	13,94	1,23	5,95	0,60
Média	31,96	6,08	2,13	3,20	1,56	14,29	9,30	4,91	17,37	0,64	7,70	0,86
σ	3,99	4,41	1,91	0,42	0,64	3,61	2,46	1,50	4,75	0,34	2,02	0,23
CV	12,48	72,53	89,67	13,13	41,03	25,26	26,45	30,55	27,35	53,13	26,23	26,74

¹1 = Cereais; 2 = Raízes e tubérculos; 3 = Legumes secos; 4 = Frutas; 5 = Hortaliças; 6 = Açúcares e mel; 7 = Azeites; 8 = Outros produtos de origem vegetal; 9 = Carne; 10 = Pescado; 11 = Leite; 12 = Outros produtos de origem animal. Fonte: Elaborada a partir da FAO (2002).

passo que a Argentina piorou sua dieta. De acordo com a FAO (1996), considera-se que quanto mais baixa for a contribuição do grupo de alimentos que mais contribui para o fornecimento de energia em um determinado país, mais diversificada será a dieta desse país. Assim, empregando-se esse critério, verifica-se que em 1969-71 a Argentina possuía dieta alimentícia mais diversificada, e o Chile a menos diversificada⁴ (Tabela 3). Mas em 1997-99 o Paraguai, surpreendentemente, passa a desfrutar a prerrogativa de possuir a dieta mais diversificada do MERCOSUL, confirmando os dados da FAO (1996), que apontavam tal País como responsável pela dieta mais diversificada da América Latina e Caribe em 1990-92. Chile, por sua vez, continua a possuir a dieta menos diversificada, embora tenha evidenciado os maiores progressos (Tabela 4).

Os hábitos alimentícios dos países são

⁴A participação dos cereais, grupo alimentício que mais contribuía para o fornecimento de calorias, era de 29,35% e 46,91%, respectivamente.

condicionadas por fatores culturais, econômicos e demográficos, entre outros. As diferenças existentes tendem a diminuir progressivamente com o passar dos anos, à medida que as economias dos países avançam para a globalização e internacionalização plena, aumentando os intercâmbios comerciais com outras nações e regiões, da mesma forma que à medida que o poder aquisitivo, o nível cultural e o conhecimento sobre a importância que os alimentos apresentam para a saúde e a longevidade humana são incrementados e difundem-se, em nível global, os gostos e os alimentos típicos de cada país ou região.

Mas, qual é a situação dos países do MERCOSUL e do Chile? Percebe-se uma aproximação de suas dietas? Quais os países que apresentam as dietas alimentícias mais semelhantes?

Sem dúvida, verifica-se uma aproximação dos padrões de consumo dos países do MERCOSUL e do Chile, embora, naturalmente, ainda persistam diferenças consideráveis. As reduções das diferenças ocorrem no consumo total

de calorias (Tabela 1), no consumo de calorias procedentes de alimentos de origem animal (Tabela 2) e no consumo de dez grupos de produtos relacionados nas tabelas 3 e 4⁵.

Para verificar quais países possuem as dietas mais semelhantes, realizou-se uma análise *cluster* que, através das diferentes agrupações obtidas em 1969-71 e em 1997-99, mostra modificações nas pautas de consumo dos países ao longo das últimas três décadas (Figura 2). Tanto em 1969-71 como em 1997-99, na primeira agrupação obtida, Argentina e Uruguai reúnem-se no mesmo grupo, evidenciando que suas dietas foram e continuam sendo as mais semelhantes entre os cinco países estudados; os demais países formam um grupo cada. Essa semelhança nas dietas dos países platinos deve-se ao elevado consumo de produtos de origem animal, especialmente carne e leite, e ao pequeno consumo de raízes e tubérculos, legumes secos, açúcares e mel.

Seguindo com o agrupamento, verifica-se, em uma segunda etapa, que Brasil e Paraguai, em 1969-71, e Brasil e Chile, em 1997-99, formam um novo grupo. Com isso, passa-se a ter três grupos. A aproximação de Brasil e Paraguai, em 1969-71, provavelmente ocorreu pelo elevado consumo exibido por ambos os países de raízes e tubérculos, legumes secos e frutas e pelo baixo consumo de carne e leite. Já a aproximação de Brasil e Chile, em 1997-99, ocorreu devido ao elevado consumo de cereais, açúcar e mel, e um reduzido consumo de carne e leite.

Posteriormente, quando os cinco países são agrupados em dois grupos verifica-se, outra vez, duas situações diferentes. Em 1969-71, Chile passa a integrar o grupo do Brasil e Paraguai, evidenciando um padrão de consumo mais semelhante, principalmente no que se refere a legumes secos, carne e leite, enquanto Argentina e Uruguai permanecem formando o outro grupo. Em 1997-99, Brasil e Chile são os países que se integram ao grupo formado por Argentina e Uruguai, devido essencialmente à diminuição do consumo de cereais, raízes e tubérculos (apenas para o Brasil), e ao aumento do consumo de carne e leite, enquanto o Paraguai permanece formando o outro grupo. Essa análise mostra cla-

ramente que houve uma significativa melhoria das dietas de Brasil e Chile, com a conseqüente aproximação aos modelos de consumo de Argentina e Uruguai. Paraguai, por outro lado, apesar de possuir a dieta mais equilibrada, é o país que apresenta a dieta mais afastada do modelo predominante nos países do MERCOSUL e o Chile.

5 - EVOLUÇÃO DO CONSUMO DE ALIMENTOS NO BRASIL

A estrutura do consumo de alimentos no Brasil nos últimos anos evidenciou alterações de ordem quantitativa e qualitativa. Como se pode apreciar na tabela 5, entre os dois grandes grupos de produtos que compõem a dieta brasileira, os produtos de origem animal foram os que apresentaram o maior incremento nas quantidades consumidas (3,38% ao ano), enquanto os produtos de origem vegetal aumentaram a uma taxa anual média de apenas 0,41%. Essa diferença de crescimento é perfeitamente normal, pois os alimentos de origem vegetal apresentavam inicialmente, em 1969-71, uma participação muito elevada na composição da dieta média brasileira. Além disso, o incremento substancial do poder aquisitivo da população trouxe como conseqüência uma evolução do padrão de consumo, através da maior incorporação de alimentos de origem animal na dieta. Mas, apesar desse significativo crescimento, os produtos de origem animal ainda apresentam uma participação reduzida na dieta média brasileira que, como se viu anteriormente, é a mais baixa entre os países do MERCOSUL e o Chile.

Dentro de cada uma das duas principais categorias de produtos também ocorreram alterações, tanto de sinal positivo como negativo. Entre os produtos que aumentaram sua participação na composição da dieta média brasileira destacam-se, no lado dos alimentos de origem vegetal, os azeites (aumento de 5,48% ao ano) e as hortaliças (2,31%) e, no lado dos alimentos de origem animal, a carne (3,85%) e o leite (3,01%). Os produtos que diminuiram sua participação na composição da dieta brasileira foram, no lado dos produtos de origem vegetal, as raízes e tubérculos (diminuição de -1,93% ao ano), os legumes secos (-1,11%) e as frutas (-0,15%) e, no lado dos produtos de origem animal, o pescado (-0,55%).

⁵São os grupos de alimentos que apresentaram diminuição do Coeficiente de Variação de 1969-71 a 1997-99, ou seja, todos com exceção de outros produtos de origem vegetal e outros produtos de origem animal.

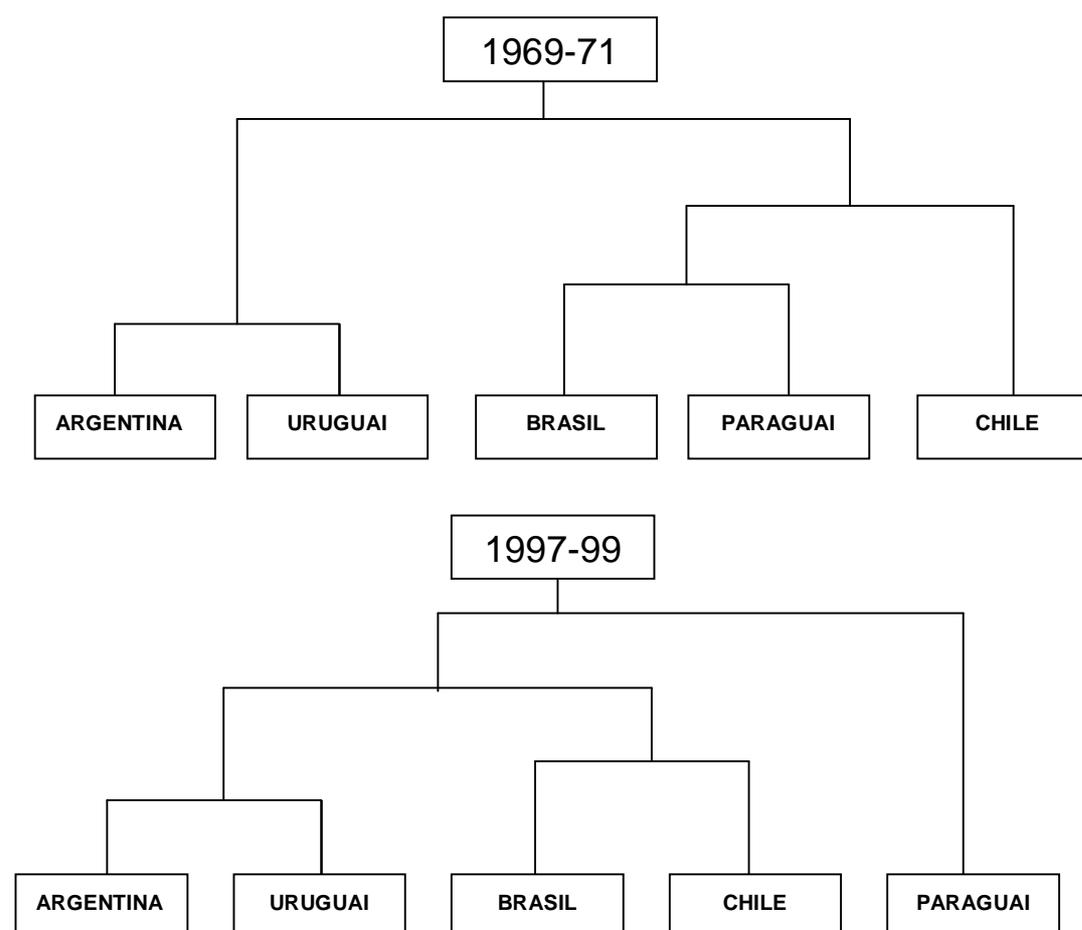


Figura 2 - Agrupamento dos Países do MERCOSUL e Chile de Acordo com as Semelhanças de suas Dietas, Calculadas de Acordo com o Consumo em kcal/pessoa/dia de Doze Categorias de Produtos Alimentícios, 1969-71 e 1997-99.
Fonte: Elaborada pelo autor com dados da FAO (2002).

TABELA 5 - Evolução do Consumo de Calorias no Brasil, Segundo os Diferentes Tipos de Alimentos, 1969-71 a 1997-99
(em kcal/pessoa/dia)

Produtos alimentícios	1969-71	1979-81	1989-91	1997-99	Varição anual (%)
Cereais	849	962	929	906	0,24
Raízes e tubérculos	279	185	154	128	-1,93
Legumes secos	213	150	136	147	-1,11
Frutas	120	102	119	115	-0,15
Hortaliças	17	21	24	28	2,31
Açúcares e mel	403	505	478	565	1,44
Azeites	129	285	374	327	5,48
Outros produtos de origem vegetal	103	78	102	140	1,28
Produtos de origem vegetal	2.113	2.288	2.316	2.356	0,41
Carne	182	230	272	378	3,85
Pescado	13	12	11	11	-0,55
Leite	108	127	157	199	3,01
Outros produtos de origem animal	12	20	27	25	3,87
Produtos de origem animal	315	389	467	613	3,38
Total	2.428	2.677	2.783	2.969	0,80

Fonte: Elaborada a partir da FAO (2002).

A modificação na composição da dieta brasileira, principalmente com relação ao incremento do consumo de azeites, possivelmente em substituição ao consumo de gordura de origem animal (banha), de leite e de carne como fonte de proteína em detrimento dos legumes secos, de hortaliças (produtos essencialmente ricos em vitaminas e minerais) e, inclusive, do consumo dos denominados outros produtos de origem animal (de maior valor em relação a certos produtos vegetais), pode ser, em parte, reflexo do incremento do PIB *per capita*. Isso vai de encontro ao que prescreve a teoria econômica, que sugere que o incremento nos níveis de ingresso da população permite diversificar a dieta alimentícia e elevar sua qualidade.

A melhoria nas dietas básicas dos países não ocorre de uma hora para outra, mas sim em etapas, não delimitadas claramente e que podem durar períodos distintos. De acordo com REIG (1992a), de um modo geral, a melhoria da dieta produz-se da seguinte forma: em uma primeira etapa, a demanda de grãos, raízes e tubérculos estabiliza-se em níveis baixos de renda, para decrescer, posteriormente, à medida que aumenta o consumo de outros produtos de origem vegetal, como azeites, legumes, frutas, hortaliças e açúcar; em seguida, na terceira etapa, aumenta a demanda de produtos de origem animal, como carne, leite e ovos; finalmente, nas sociedades mais ricas, uma proporção crescente do gasto em alimentos é empregada em comidas produzidas fora da residência e na remuneração de atividades relacionadas com a transformação, apresentação e comercialização dos alimentos que são cada vez mais sofisticados.

A confrontação das mudanças experimentadas pelo Brasil com o que prediz a teoria parece indicar que o País encontra-se numa etapa de transição entre a segunda e a terceira fase, pois os incrementos mais importantes foram observados justamente no consumo de azeites, açúcar e produtos de origem animal.

A modificação na dieta pode ser, também, conseqüência da modificação dos hábitos de consumo da população em decorrência de fatores sociais e culturais já referidos. Ou seja, é cada vez maior o número de brasileiros que realizam refeições fora do lar, substituindo o cardápio tradicional, baseado em arroz, feijão, carne e salada, por refeições rápidas à base de hambúrgueres, sanduíches e outros alimentos mais ricos em

gorduras e carboidratos.

Apesar da aparente melhoria da dieta brasileira, esta poderia ter sido ainda melhor, principalmente no que se refere à diversificação da dieta e ao maior consumo de frutas, hortaliças e peixes, se determinados problemas tivessem sido resolvidos ou, ao menos, amenizados ao longo dessas três décadas. Refere-se concretamente às grandes diferenças ainda constatadas entre as regiões do país, tanto no que se refere ao sistema produtivo, como no que se relaciona com os sistemas de distribuição de alimentos, poder aquisitivo e nível educacional, fatores que apresentam uma significativa influência sobre o valor da correta alimentação. Ao mesmo tempo, outros aspectos importantes, como as excessivas concentrações de renda e de terra, que se agravam cada vez mais no país, e os programas agrícolas desenvolvidos nos últimos anos a favor dos produtos de exportação em detrimento dos produtos alimentícios básicos, atuam contra a melhoria da dieta da população brasileira.

Por outro lado, espera-se que essa evolução não revele, como já observaram JUNQUEIRA e PEETZ (2001), uma nova ordem de preocupações, em que uma realidade de má nutrição seja substituída por outra, com agravantes socioeconômicos consideráveis, pois o tratamento das doenças originadas do novo padrão alimentar é tão quanto ou mais difícil de corrigir do que as distorções originadas da pobreza. JUNQUEIRA e PEETZ (2001), citando a Pesquisa de Padrão de Vida realizada pelo IBGE divulgada em 1988, mostram que apenas 56,8% dos brasileiros com vinte anos ou mais apresentam peso correto, 29% das pessoas estão com peso acima do recomendado, 9,8% são obesas e 4,6% possuem peso indicativo de desnutrição. O que é pior: a comparação com as pesquisas anteriores mostra que a obesidade cresceu aproximadamente 80% nos últimos quinze anos, atingindo entre 12% e 15% dos adolescentes brasileiros, e apresentando índices crescentes nas camadas mais pobres da população.

Na América Latina, como um todo, estão surgindo outras formas de mal-nutrição, por dietas inadequadas e excesso de consumo de alimentos, que são fatores de risco no aumento da incidência de enfermidades relacionadas à nutrição, tais como diabetes, doenças cardiovasculares e alguns tipos de câncer, além da obesidade (JIMÉNEZ; ARMADA; ZAPIOLA, 2001).

Por isso, torna-se importante educar e conscientizar a população para que se alimente melhor, consuma alimentos variados e bastante frutas e verduras, com o fim de evitar tais enfermidades. Isso, logicamente, se a mesma tiver recursos suficientes para pagar por uma dieta adequada.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos neste estudo mostraram que o consumo médio de calorias dos cinco países estudados aumentou muito pouco nas últimas três décadas, e que a evolução do consumo de produtos alimentícios, medido em calorias, possibilitou uma significativa aproximação das dietas dos países do MERCOSUL e do Chile. O consumo de alimentos nos diferentes integrantes dessa região evoluiu de tal maneira que apesar dos modelos distintos de alimentação, as diferenças, atualmente, são mais moderadas. Concretamente, os países que apresentavam os maiores índices de consumo, Argentina e Uruguai, apresentaram diminuição na ingestão total de calorias e de calorias provenientes de produtos de origem animal, enquanto os países com os mais baixos níveis de consumo, Brasil, principalmente, e Chile, em menor medida, evidenciaram os maiores aumentos na ingestão de alimentos.

Paraguai, por outro lado, que no início do período estudado também apresentava um baixo consumo de calorias, configura-se, na atualidade, como o país que apresenta o menor consumo aparente de alimentos, consequência da

expressiva diminuição experimentada no consumo de produtos de origem vegetal. Apesar disso, é o país que tem a dieta mais equilibrada, e que apresenta uma ingestão de calorias de produtos de origem animal superior à verificada no Brasil e no Chile.

O Brasil, apesar da difícil situação econômica, social e institucional que atravessou nos últimos anos, caracterizada principalmente por um crônico e quase incontrolável processo inflacionário que o obrigou a implementar quase uma dezena de planos de estabilização, alguns dos quais com reflexos muito negativos sobre determinados setores produtivos do país, entre os que se destaca o agrícola, foi o País do MERCOSUL que evidenciou os maiores progressos em termos de melhoria da dieta alimentícia. Este fato permitiu-lhe aproximar-se bastante do patamar dos demais países de seu entorno. O resultado vai de encontro ao que afirma CARVALHO (2001), para quem a opção pela aut Capacidade alimentar, adotada com a política liberal dos anos noventas, que implicou na desestatização e abertura econômica, até o momento não criou maiores dificuldades para a segurança alimentar, até porque o subsídio praticado pelos países ricos favorece as relações brasileiras de troca, e contribui para reduzir os preços dos alimentos ao consumidor. Para CARVALHO (2001), no entanto, a estratégia de depender de importações para complementar a oferta interna representa risco elevado para a sociedade, devido à possibilidade de reversão nas condições de oferta mundial de alimentos, com reflexos sobre os preços e o abastecimento, e elevado grau de vulnerabilidade externa da economia brasileira.

LITERATURA CITADA

ANGULO, A. M.; GIL, J. M.; GRACIA, A. La demanda de alimentos en los países de la Unión Europea: un análisis de convergencia. **Revista Española de Economía Agraria**, n. 180, p. 77-99, 1997.

_____; _____. Desarrollo económico e ingestión de calorías en España. _____, n. 175, p. 41-61, 1996.

CARVALHO, M. A. de. Liberalização comercial e (in)segurança alimentar. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 31, n. 12, p. 93-97, dez. 2001.

CONNOR, J. M. North America as precursor of changes in Western European food-purchasing patterns. **European Review of Agricultural Economics**, v. 21, n. 2, p. 155-173, 1994.

ENTRENA, F. La alimentación en España: de la sociedad de producción a la de consumo. **Sociedad y Utopía**, n. 10, p. 59-73, 1997.

FAO. **Faostat Database**. Disponível em: <<http://www.fao.org>>. Acesso em: 30 maio 2002.

_____. **Sexta encuesta alimentaria mundial**. Roma, 1996. 153 p.

GARCÍA, P. T. Perspectivas de los lípidos de las carnes en una dieta saludable. **La Alimentación Latinoamericana**, n. 237, p. 26-29, 2001.

GIL, J. M.; GRACIA, A.; PÉREZ Y PÉREZ, L. Food consumption and economic development in the European Union. **European Review of Agricultural Economics**, v. 22, n. 3, p. 385-399, 1995.

GONZÁLEZ, L. El «marketing» y el cambio en los hábitos de consumo. **Boletín ICE Económico**, n. 2470, p. 29-39, 1995.

GRACIA, A.; ALBISU, L. M. La dieta española, en transición. **El Boletín**, n. 18, p. 28-35, 1994.

_____; _____. También en el consumo de carne nos acercamos a Europa. _____, n. 29, p. 24-29, 1995.

HERRMANN, R.; RÖDER, C. Does food consumption converge internationally?: measurement, empirical tests and determinants. **European Review of Agricultural Economics**, v. 22, n. 3, p. 400-414, 1995.

HUANG, C. L. Consumer preferences and attitudes towards organically grown produce. **European Review of Agricultural Economics**, v. 23 n. 3, p. 331-342, 1996.

JIMÉNEZ, P. de E.; ARMADA, M. de R.; ZAPIOLA, C. Tendencias de consumo de alimentos. **La Alimentación Latinoamericana**, n. 239, p. 58-65, 2001.

JUNQUEIRA, A. H.; PEETZ, M. da S. Fome oculta. **Agroanalysis**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 8, p. 8-12, 2001.

LÓPEZ, M. Análisis económico sobre los cambios en los hábitos alimenticios. **Estudios sobre Consumo**, n. 33, p. 33-50, 1995.

RAE, A. N. Changing food consumption patterns in East Asia: implications of the trend towards livestock products. **Agribusiness**, v. 13, n. 1, p. 33-44, 1997.

REIG, E. Estructura del consumo alimentario y desarrollo económico. **Investigación Agraria: Economía**, v. 7, n. 2, p. 263-282, 1992a.

_____. Tendencias recientes en el consumo de alimentos y su incidencia en la industria alimentaria. In: GARCÍA, J. L. **Economía española, cultura y sociedad; homenaje a Juan Velarde Fuertes**. Madrid: Eudema, 1992b. t. 1, p. 711-725.

SÁNCHEZ, M.; ETXANIZ, M.; TEKELIOGLU, I. Análisis de las preferencias en el consumo de productos de agricultura ecológica. **Estudios sobre Consumo**, n. 41, p. 49-63, 1997.

SCHOLZ, I. Comercio exterior y medio ambiente: experiencias en tres sectores exportadores chilenos. **Revista de la CEPAL**, n. 58, p. 129-144, 1996.

TITOS, A. Cambios en el consumo agroalimentario de los países ribereños del Mediterráneo (1972-1986). **Comunicaciones INIA: Serie Economía**, Madrid, n. 38, 56 p., 1992.

O CONSUMO DE ALIMENTOS NOS PAÍSES DO MERCOSUL E NO CHILE

RESUMO: O trabalho analisa o consumo de alimentos, em kcal/pessoa/dia, nos países do MERCOSUL e no Chile nas últimas três décadas. Comprovou-se que a ingestão total de calorias dos cinco países em conjunto aumentou muito pouco no período estudado, ao contrário do consumo de produtos de origem animal, que se elevou significativamente. Individualmente, Argentina e Uruguai apresentaram diminuições no consumo total de alimentos, principalmente naqueles de origem animal. Brasil

e Chile, por outro lado, evidenciaram os maiores aumentos no consumo de alimentos, tanto em sua totalidade como nos de origem animal. Atualmente, Paraguai é o país que apresenta a menor ingestão de calorias entre os cinco países, embora revele a dieta mais equilibrada e índices de consumo de produtos de origem animal superiores aos do Brasil e Chile. Os agrupamentos obtidos na análise cluster indicaram diminuição das diferenças existentes na composição das dietas alimentícias de Brasil, Argentina, Uruguai e Chile. O estudo revelou modificação na constituição da dieta brasileira, com aumento do consumo de azeite, carne e leite.

Palavras-chave: consumo per capita de alimentos, consumo total de calorias, análise cluster.

FOOD CONSUMPTION IN MERCOSUL COUNTRIES AND IN CHILE

ABSTRACT: This paper analyzes kcal/capita/day food consumption in MERCOSUL countries and in Chile in the last three decades. Results showed only a slight increase in total calorie intake for the five countries together. Also, in contrast, the consumption of food products of animal origin rose significantly in the studied period. Individually, Argentina and Uruguay presented the lowest total food intakes, particularly concerning animal origin products. On the other hand, Brazil and Chile evidenced the highest consumption increases both in total food use and that of animal origin food products. Currently, Paraguay presents the lowest calorie ingestion rate of the five countries, although it reveals the most balanced diet and higher consumption rates of animal products than Brazil and Chile. Groupings obtained in the cluster analysis showed a reduction of existing differences among the Brazilian, Argentinean, Uruguayan and Chilean diet components. The study also revealed changes in the composition of the Brazilian diet, with increased oil, meat and milk intakes.

Key-words: per capita food consumption, total calorie consumption, cluster analysis.

Recebido em 26/12/2002. Liberado para publicação em 06/01/2003